



In Memoriam

**Christophe Picard e a História
do Islão Medieval do Ocidente**

In Memoriam

***Christophe Picard and History
of Western Medieval Islam***

(a) Isabel Cristina Ferreira Fernandes, (b) Fernando Branco Correia

(a) Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago – Município de Palmela
2954-001 Palmela, Portugal

Instituto de Estudos Medievais – Universidade Nova de Lisboa
1069-061 Lisboa, Portugal

ifernandes@cm-palmela.pt
<https://orcid.org/0000-0003-0725-7768>

(b) Universidade de Évora
7004-516 Évora, Portugal

fbc@uevora.pt
<https://orcid.org/0000-0003-4083-845X>

Data recepção do artigo / Received for publication: 20 de Novembro de 2024



Christophe Picard nas escavações arqueológicas de Juromenha, 1988. Foto F. B. C.

Christophe Picard (1954-2024) é um nome incontornável na história do período islâmico medieval em território português. Partiu a 1 de junho de 2024 e deixou em Portugal amigos e admiradores, nomeadamente entre os investigadores de história e de arqueologia.

Este eminente historiador francês, nascido em Cartago - nas margens de um mar que o marcará para sempre - e casado com uma portuguesa (Manuela Picard), descendia de uma família de reputados editores e especialistas sobre Antiguidade do Mediterrâneo (entre os quais o famoso helenista Charles Picard).

Um dos seus primeiros trabalhos académicos versou sobre “Portugal Muçulmano” (tese de 3.º ciclo, orientada por Dominique Sourdél¹), o que desde logo abriu novos horizontes a quem por cá dava os primeiros passos na investigação histórica e arqueológica desse período, mal conhecido e secundarizado durante o Estado Novo. A carreira de Picard, enquanto professor de História Medieval, desenvolveu-se primeiro no ensino secundário, depois na Universidade de Saint-Étienne (1989), seguindo-se a Universidade de Toulouse – Le Mirail (1998) e por fim a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (2004). Foi-se afirmando nestas instituições como grande autoridade no estudo do processo de islamização do Ocidente, com destaque para a vertente da actividade marítima no Atlântico e no Mediterrâneo, levada a cabo por poderes islâmicos, um mundo quase inexplorado, o que lhe granjeou justos méritos científicos.

Participou em múltiplos encontros, colóquios, simpósios e congressos. É o caso dos congressos da SHMESP (Brest 1992, Orléans 1994, La Rochelle 2004 e Cairo 2007) e dos simpósios internacionais sobre castelos realizados em Palmela, 2000 e Óbidos, 2010. Em Portugal publicou vários artigos na revista *Arqueologia Medieval*, do Campo Arqueológico de Mértola, entre outros.

Na origem da sua decisão de trabalhar o período islâmico no território português terá estado, inequivocamente, a proximidade ao país por via da sua companheira de vida, Manuela. Sabemos que um dos primeiros contactos do mundo científico terá sido com Adel Sidarus – que o apresentou a vários investigadores que trabalhavam em Portugal sobre o al-Andalus, nas perspectivas histórica e arqueológica – e depois com um de nós (F. B. Correia), com quem visitou sítios importantes para os temas que estava a investigar.

Era extremamente enriquecedor visitar locais do ocidente peninsular na sua companhia. Podia não conhecer ainda o território, nem alguns vestígios aí existentes, mas sabia aplicar e partilhar os conhecimentos que tinha de outras

¹ Com uma edição de escassa difusão: PICARD, Christophe – *Histoire du Portugal et de l'Espagne occidentale à l'époque musulmane (début VIIIème -milieu XIIIème siècle)*, Paris : Paul Geuthner, 1995.

geografias e das fontes – em árabe, mas também em latim – o que sempre permitia lançar novas hipóteses sobre determinados locais ou a importância de certas rotas ou cidades em distintos períodos históricos.

No seio da família, no Norte de África, a actividade arqueológica marcou constantemente a sua infância, o que o terá contribuído para a decisão de participar num projecto no ocidente ibérico. Era esse o foco dos seus estudos na década de oitenta do século XX, o que o motivou a envolver-se na escavação do castelo de Juromenha, partilhando a direcção com F. B. Correia. Desses trabalhos conjuntos, por vários anos, com financiamento luso-francês, viriam a publicar um artigo e a recolher informação para futuras reflexões.

A costa da serra da Arrábida e o estuário do Sado, na península de Setúbal, foi outra região que seduziu Picard, apostado em desvendar os segredos destas terras de *ribat*. Tínhamos (I. C. Fernandes) então em curso escavações arqueológicas no castelo de Palmela, que visitou e pelas quais se interessou, o que viria a gerar uma publicação conjunta, em 1999, na revista *Archéologie Islamique*, com enfoque em Palmela, Sesimbra e Alcácer do Sal. Lembramo-nos bem do significado que tiveram esse interesse e esse envolvimento de Picard, impulsionando-nos a ir mais longe nas pesquisas arqueológicas e abrindo-nos novos horizontes no cruzamento entre a história e a arqueologia, que em Portugal dava apenas os primeiros e titubeantes passos.

A publicação, em 2000, do *Le Portugal Musulman (VIII^e-XIII^e siècle)...*, é um importante marco nos rumos da historiografia medieval portuguesa, que só nos finais de oitenta e anos noventa começara a despertar para o verdadeiro conhecimento das cinco décadas de presença muçulmana no território. Em boa verdade, esta obra continua a ser incontornável para o estudo da história do Garb al-Andalus. Embora no seu título refira “Portugal”, Christophe Picard não comete o anacronismo de impor uma fronteira onde ela não existia; é uma obra inovadora, não só por cruzar informação das fontes escritas – muitas delas difíceis de então encontrar no ocidente peninsular – com o conhecimento do território, das construções que começavam a ser estudadas e das escavações sistemáticas que se

iam levando a cabo, tanto no território português como na vizinha Extremadura espanhola e na Andaluzia mais ocidental.

Dois anos antes, já tinha sido publicada uma outra obra que teve menos destaque, mas com não menor relevância científica: *L'océan Atlantique musulman de la conquête arabe à l'époque almohade*.... É, talvez, a primeira grande obra que tem a ousadia de abordar, com suporte documental e estudo do terreno, a navegação feita por agentes de Estados de matriz arabo-islâmica em águas do Atlântico. Bem sistematizado, com uma cronologia alargada, com um índice rico e sempre útil para novas hipóteses de investigação, este estudo antecipa uma das suas últimas obras, também ela sobre navegação e que mereceu mais atenção a nível internacional.

Na segunda década de XXI, dirigiu, com Laurent Feller e Michel Kaplan, um programa sobre as elites rurais mediterrânicas na Idade Média (dossier das *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Âge*, 124/2, 2013). Com Dominique Valérian, Damien Coulon et Annliese Nef dinamizou um seminário mensal sobre o Mediterrâneo medieval, promovendo o diálogo entre investigadores de distintas regiões.

Acompanhava com atenção o que se investigava no ocidente ibérico, e estava em contacto com várias equipas, aconselhando, por vezes, novas abordagens, colaborando também em iniciativas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Estimulou um de nós a aventurar-se na realização de uma dissertação em regime de co-tutela com Paris 1 – Sorbonne (FBC); não era raro enviar – por correio, como então se fazia – separatas ou fotocópias de textos difíceis de encontrar e, em épocas de menos pressão, toda a família Picard abria as portas de sua casa, em Toulouse, sem limites de tempo, para que se pudesse conversar e reflectir. E não faltava a necessária dose de humor que sabia utilizar com classe e com um sorriso muito seu.

Conservando sempre o interesse pelo território do Gharb al-Andalus, nunca deixou de trabalhar sobre temas marítimos e portuários. O seu último grande trabalho de

fôlego *La mer des Caliphes*, (Paris, 2015), resultado de dezenas de anos de investigação e, sobretudo, de discussão e reflexão sobre os estudos que foi publicando, é um marco imprescindível para quem queira estudar de forma fundamentada o Mediterrâneo “medieval”. Era um tema que, salvo raras excepções, fugia aos interesses de grande parte dos historiadores europeus. A relevância do seu trabalho é tal que, não muitos anos passados, recebeu traduções em italiano (2017), árabe (2017) e inglês (Harvard University Press, 2018). David Abulafia considerou ser esta a obra mais relevante sobre navegação no Mediterrâneo para o período em causa. De facto, nela estão presentes reflexões importantes sobre as relações das costas e algumas cidades portuárias do sudoeste peninsular com o grande mar Mediterrâneo.

É importante sublinhar o contributo de Picard na formação de muitos jovens, através dos seus ensinamentos e inspirados no seu entusiasmo, na sua capacidade de mobilizar a documentação escrita e a arqueológica, na forma afável de se relacionar com os outros.

Nesta evocação, cumpre-nos ainda uma palavra sobre essa afabilidade de Christophe Picard, sem que o façamos por gentileza póstuma. As suas qualidades de carácter são reconhecidas por todos os que com ele trabalharam e privaram – a humanidade, a generosidade, a incessante curiosidade, o sentido do dever, a dedicação à ciência histórica, sem nunca esquecer o outro.

A extensa bibliografia que se segue (aceder pelo *link*), mostra bem a expressão internacional dos seus trabalhos, a intensidade da sua actividade intelectual, a originalidade e o arrojo de muitos dos temas que tratou, o Mar assumido como mote preferencial.

[Aceda aqui à bibliografia completa de Christophe Picard](#)

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreria; CORREIA, Fernando Branco – “*In Memoriam* Christophe Picard e a História do Islão Medieval do Ocidente”. *Medievalista* 37 (Janeiro – Junho 2025), pp. 15-21. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).